

Ganha-pão vira tortura ao sol da seca

Durante a estiagem, profissionais que trabalham ao ar livre precisam redobrar os cuidados para evitar o mal-estar

Marcelo Abreu
Da equipe do Correio

Elas padecem. Mais do que a maioria dos mortais. A seca não os perdoa. E deixa marcas pelo corpo. São pessoas que não têm como se proteger — nem evitar — os estragos causados pela baixa umidade do ar. Trabalham expostos ao sol e não podem exercer a atividade em outro lugar. Numa cidade com 190 mil desempregados, escolher trabalho seria luxo.

São pedreiros, motoristas de ônibus, serralheiros, eletricitas de rua, tratoristas, operários da construção civil. Gente que trabalha de sol a sol. Usam bonés, camisas amarradas na cabeça e tomam água. Muita água.

Saem de casa, e o dia nem amanheceu. Dentro do ônibus, viajam agasalhados. Cobrem o rosto diante do vento frio, que dói na pele. Logo nas primeiras horas da manhã, deparam-se com o sol do Planalto Central. Pouco a pouco, vão se desfazendo dos casacos surrados e têm de vencer mais um inimigo: a secura.

E aí, fecha nariz e garganta para suportar a secura. Haja disposição. Sofre o serralheiro cearense, o tratorista mineiro, o motorista maranhense. Gente acostumada com umidade re-

numa cidade com clima de deserto — madrugadas geladas e dias quentes e secos. E olha que estamos apenas começando o período da estiagem. O pior ainda está por vir.

“A partir de agosto, a seca piora. Geralmente, a umidade do ar cai para 15%”, avisa Odete Chiesa, previsora do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet). E já houve agostos e setembros desastrosos para o brasileiro. No dia 15 de setembro de 1994, a umidade relativa do ar chegou a 11% — índice mais baixo registrado até agora na cidade.

Aulas foram suspensas, e o horário de expediente no serviço público foi reduzido. Brasília virou deserto. Só faltaram os camelos. Felizmente, ainda estamos muito longe dos 11%. Na tarde de ontem, a umidade rondou a casa dos 30%, nas horas mais quentes. O ar está respirável, mas já incomoda. Que o diga o tratorista José, o eletricitista Cláudio, o pedreiro Antônio, o policial Francisco e o serralheiro Mauro.

No alto do edifício, Antônio pensa que o ar acabou. “Dá uma coisa ruim, a cabeça dói”, confessa o pedreiro de 47 anos, que há 23 constrói edifícios em Brasília. “Na época da seca, sinto que aumenta o cansaço e o trabalho parece que não rende tanto”, admite o serralheiro Mauro. O tratorista José entrega: “Tem dia em que penso

Fotos: Jorge Cardoso



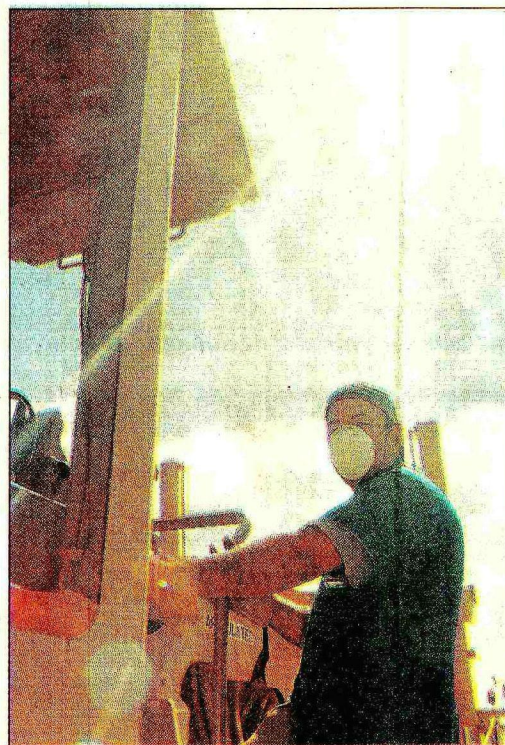
FRANCISCO MARQUES DE LIMA
34 anos, soldado da Polícia Militar.

“Pela manhã, trabalho na faixa da L2 Sul, altura da 402. Lá, sempre tem uma sombrinha e dá pra amenizar o calor do dia. Ao meio-dia, venho pra faixa do Parque da Cidade. A essa hora, a seca castiga. O cansaço é grande. Fico aqui até as 13h. Ao final do dia, acho que ingeri pelo menos uns cinco litros d’água. Até acostumei com a estiagem, mas a garganta incomoda de vez em quando.”



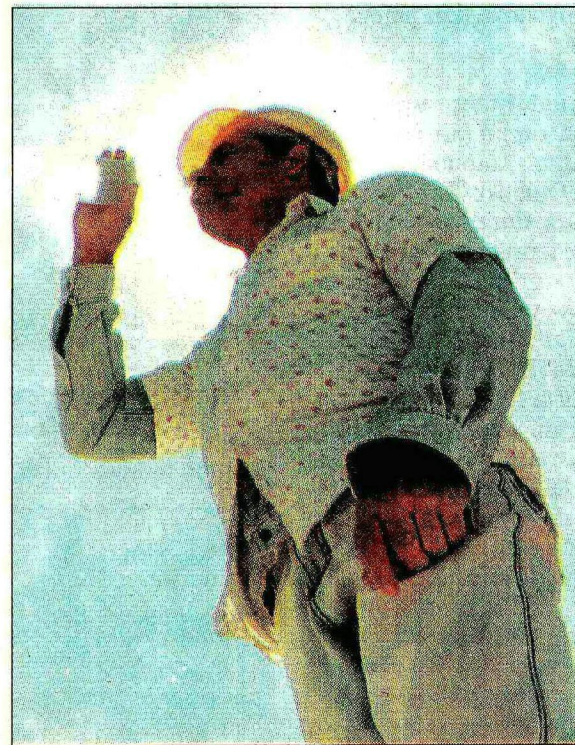
MAURO JÚNIOR DO NASCIMENTO
23 anos, serralheiro

“Sou de Tianguá, lá no Ceará. Lá não é seco assim. O Ceará é seco por que não chove, mas tem umidade. Tô aqui há um ano e três meses e senti muito a secura no ano passado. O trabalho rende menos, fico mais lento, e o cansaço aumenta. O nariz seca todo. Dói, sangra às vezes. O que faço? Coloco remédio no nariz e tomo muita água. De vez em quando, uso creme na pele.”



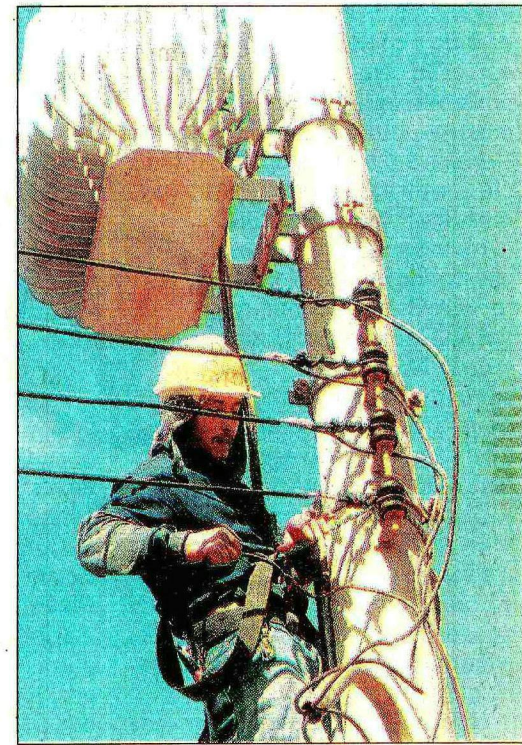
JOSÉ GERALDO GONÇALVES RODRIGUES
47 anos, tratorista da Novacap

“Pego no trabalho às 8h. Só largo às 16h30. O serviço é pesado e, neste período de seca, parece que piora. Minha garganta seca, meus lábios ressecam, a pele coça. Sinto também muita dor de cabeça. Principalmente, quando chego em casa à noite. Como porque tenho que me alimentar, mas não tenho apetite nenhum. Para aliviar, só tomando



ANTÔNIO JOAQUIM QUEIROZ
47 anos, pedreiro

“Levanto às 4h da manhã pra trabalhar. Tá um frio danado. Chego aqui na construção às 6h20. Ainda tem um friozinho. Depois, começa a esquentar. Quando o sol esquenta de vez, a secura vem junto. Graças a Deus, sou sadio, não sou homem de adoecer facilmente. Mas, na estiagem, a garganta fica esquisita, e a pele, cinzenta. Tomo muita água e passo creme no corpo quando termina



CLÁUDIO CAMPOS
24 anos, eletricitista de rua

“Pra não ter de agüentar a seca, só tem um jeito: ir embora de Brasília. Tô morando aqui há oito anos e até hoje não me acostumei completamente com a secura da cidade nesta época do ano. Tomo quatro litros d’água só à tarde. O pior horário para mim é uma da tarde. É o momento em que sinto mais os sintomas: a garganta fecha, e o ar parece que

